

 <p>ESCOLA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE E DA VIDA</p>	<p><b>PSICO</b></p> <p>Psico, Porto Alegre, v. 54, n. 1, p. 1-11, jan.-dez. 2023 e-ISSN: 1980-8623   ISSN-L: 0103-5371</p>
<p><a href="http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2023.1.40466">http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2023.1.40466</a></p>	

SEÇÃO: ARTIGO

## Evidências de Validade Convergente e de Critério para a Escala de Pró-Sociabilidade

*Convergent and Criterion Validity Evidence for Pro-Sociability Scale*

*Evidencia de Validez Convergente y Criterio para la Escala de Pro-Sociabilidad*

**João Lucas Dias-Viana<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0002-7626-3937](https://orcid.org/0000-0002-7626-3937)  
[jolucasviana@gmail.com](mailto:jolucasviana@gmail.com)

**Marcela Hipólito de Souza<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0001-8519-5713](https://orcid.org/0000-0001-8519-5713)  
[marcelahipolitos@gmail.com](mailto:marcelahipolitos@gmail.com)

**Lorena Gonçalves Queiroz<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0003-1454-5936](https://orcid.org/0000-0003-1454-5936)  
[lorenaqueirozrh@gmail.com](mailto:lorenaqueirozrh@gmail.com)

**Juliana dos Santos Corbett<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0003-1964-8125](https://orcid.org/0000-0003-1964-8125)  
[julianasantoscobbett@gmail.com](mailto:julianasantoscobbett@gmail.com)

**Jamile Lima Sampaio Pio<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0002-8329-0386](https://orcid.org/0000-0002-8329-0386)  
[jamilelimapio@gmail.com](mailto:jamilelimapio@gmail.com)

**Ana Paula Ozório Cavallaro<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0002-5482-8028](https://orcid.org/0000-0002-5482-8028)  
[anapaula\\_cavallaro@yahoo.com.br](mailto:anapaula_cavallaro@yahoo.com.br)

**Andreia Maria de Britto**

**Campos<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0001-5859-3265](https://orcid.org/0000-0001-5859-3265)  
[andreiambcampos@gmail.com](mailto:andreiambcampos@gmail.com)

**Ana Paula Porto Noronha<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0001-6821-0299](https://orcid.org/0000-0001-6821-0299)  
[ananoronha8@gmail.com](mailto:ananoronha8@gmail.com)

**Recebido em:** 04 fev. 2021.

**Aprovado em:** 30 maio. 2022.

**Publicado em:** 10 set. 2024.

**Resumo:** Esta pesquisa tem por objetivo reunir evidências de validade baseadas na relação com outras variáveis do tipo convergente e de critério para a Escala de Pró-Sociabilidade (EPS). Participaram da pesquisa 397 adultos, com idades entre 18 e 69 anos ( $M = 36,88$ ;  $DP = 12,86$ ), ambos os sexos, de diversas regiões brasileiras. Foram aplicados um questionário sociodemográfico, a Escala de Altruísmo, a Medida de Empatia Cognitiva e Afetiva e a EPS. Observou-se associações significativas entre os escores da EPS com as medidas de altruísmo e empatia. Além disso, foi possível diferenciar grupos quanto ao sexo, quanto a possuir crença religiosa e participar de ações de voluntariado. Os resultados estão em consonância com pesquisas disponíveis na literatura internacional e confirmam as evidências da validade para a EPS.

**Palavras-chave:** altruísmo, empatia, moral, psicometria, validade do teste

**Abstract:** This research aims to gather evidence of validity based on the relationship with other variables of the convergent and criterion type for Pro-Sociability Scale (EPS). Participated in the research 397 adults, age ranging from 18 to 69 years ( $M = 36,88$ ;  $SD = 12,86$ ), both sexes, from different Brazilian regions. A sociodemographic questionnaire, the Altruism Scale, the Affective and Cognitive Measure of Empathy were administered. Associations were observed between the scores of the EPS and altruism and empathy measures, as well as being able to differentiate groups regarding sex, having a religion and volunteering. These results are compatible with research available in the international literature and can be considered as validity evidence for EPS.

**Keywords:** altruism, empathy, morality, psychometrics, test validity

**Resumen:** Esta investigación tiene como objetivo recopilar evidencias de validez a partir de la relación con otras variables del tipo convergente y criterio para la Escala de Pro-Sociabilidad (EPS). Participó en la investigación 397 personas, de 18 a 69 años ( $M = 36,88$ ;  $DT = 12,86$ ), ambos sexos, de diferentes regiones brasileñas. Se requirió un cuestionario sociodemográfico, la Escala de Altruismo y la Medida de Empatia Afectiva y Cognitiva. Se observaron asociaciones relacionadas entre las puntuaciones del instrumento EPS como medidas de altruismo y empatía, además de poder diferenciar grupos en cuanto a sexo, religión religiosa y participación en acciones voluntarias. Estos resultados son compatibles con la investigación disponible en la literatura internacional y pueden considerarse como evidencia de validación para un EPS.

**Palabras-clave:** altruísmo, empatía, moral, psicometria, validación de teste

A pró-sociabilidade é definida como um comportamento voluntário destinado a beneficiar outra pessoa e, em algumas situações, com um custo pessoal para quem o realiza (Eisenberg et al., 2015). Os comportamentos pró-sociais, nomeados como empatia, altruísmo e generosidade, são essenciais para as relações estabelecidas entre



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> Universidade São Francisco (USF), Campinas, SP, Brasil.

peças, grupos e sociedade, trazendo benefícios ao indivíduo (e.g. saúde mental e bem-estar; Son & Padilla-Walker, 2019) e ao grupo, por meio da cooperação em causas sociais (Simpson et al., 2017) e da convivência harmoniosa com os outros (Hofmann & Müller, 2018). Considerando a relevância do construto, o campo da testagem psicológica contribui para a temática com a produção de medidas cientificamente embasadas, que possam contribuir para a produção de indicadores que subsidiem intervenções individuais e o delineamento de políticas públicas. Assim, este trabalho tem por objetivo reunir evidências de validade com base na relação com variáveis externas, do tipo convergente e de critério para a Escala de Pró-Sociabilidade (EPS; Noronha et al., no prelo), de modo reunir evidências empíricas para utilização da EPS.

A temática da pró-sociabilidade é objeto de pesquisa de diversas áreas do conhecimento, dentre elas Biologia, Antropologia e Psicologia, uma vez que é um construto multideterminado por fatores genéticos, das experiências de socialização favorecidas pelo contexto cultural, e das características individuais (Eisenberg, 1986). No campo do saber psicológico, destacam-se as proposições de Eisenberg, com a proposta de um modelo teórico e uma metodologia de avaliação, com estudos iniciados no final dos anos de 1970 e que perduram até os dias atuais.

A autora define a pró-sociabilidade como um conjunto de ações voluntárias positivas ou de comportamentos de ajuda, motivados pela possibilidade em beneficiar, compartilhar ou confortar o outro, sem a necessidade de influências ou pressões externas, e sem a expectativa de recebimento de recompensas materiais ou sociais. Além disso, a pró-sociabilidade manifesta-se por meio de intenções, ações ou expressões verbais em torno de dilemas morais ou conflitos (Eisenberg, 1982, 1992; Eisenberg & Miller, 1987). Nessa perspectiva, três aspectos são fundamentais para compreender a pró-sociabilidade: (i) um agente intencionalmente realiza um ato (ii) para beneficiar outros (iii) sem motivações egoístas – já que os ganhos pessoais são involuntários subproduto e

não o objetivo do ato pró-social (Batson, 2015). A compreensão teórica de Eisenberg acerca dos comportamentos pró-sociais se destaca pelo enfoque em ações socialmente positivas, como empatia, generosidade e altruísmo, enquanto estudiosos da moralidade anteriores à autora investigavam a pró-sociabilidade por meio de comportamentos de violência, transgressão de normas, desonestidade e desengajamento moral (Koller & Bernardes, 1997).

Para além da contribuição científica com ênfase nos comportamentos positivos, Eisenberg também colaborou para a construção do instrumento de avaliação do construto. O aspecto inovador reside na utilização de entrevistas em que eram apresentados dilemas morais pró-sociais que estimulasse a reflexão do indivíduo, de modo que ele pudesse optar por uma decisão entre suas necessidades pessoais ou as de outro/grupo (Eisenberg, 1989). Tal método de investigação da pró-sociabilidade é utilizado em pesquisas recentes nas diversas disciplinas, com tarefas que exigem tomada de decisão social e econômica ou por meio de jogos (Baumard et al., 2013).

Considerando a escassez de medidas no contexto brasileiro que se proponham à avaliação da pró-sociabilidade, e que tenham formato de julgamento situacional, como proposto por Eisenberg (1989), Noronha et al. (no prelo) elaboraram a Escala de Pró-Sociabilidade (EPS). A EPS consiste em um instrumento de autorrelato que tem por objetivo avaliar ações pró-sociais. A escala possui 18 itens, no formato de vinhetas, que por meio da técnica de coleta de dados utiliza de figuras ou histórias curtas cuja principal característica é explorar os sistemas de crenças do respondente. Exemplos de itens: "Maria conscientizou seus vizinhos a não jogarem lixo na rua" ou "Adriana é doadora de órgãos". Em seguida, o respondente deveria indicar se já fez tais ações e se tem vontade de fazê-las, com chave de resposta dicotômica (*Sim* ou *Não*). Por fim, o participante atribuía a importância da ação apresentada na vinheta considerando uma escala tipo Likert de 4 pontos, de 1 (*Não é importante*) a 4 (*Muito importante*).

O estudo inicial realizado com EPS teve por objetivo reunir evidências de validade de conteúdo e com base na estrutura interna, bem como realizar estimativas de precisão dos escores do instrumento. As conclusões do estudo indicaram que os itens são representativos do construto, bem como estão agrupados em um único fator, a pró-sociabilidade, além de boas estimativas de precisão dos escores do instrumento, alfa de Cronbach igual 0,85 e Ômega de McDonald igual 0,86 (Noronha et al., no prelo). Considerando a necessidade de reunir evidências empíricas adicionais que suportem a utilização e a interpretação dos escores obtidos, esta pesquisa tem por objetivo reunir evidências de validade baseadas na relação com outras variáveis, do tipo convergente e de critério para a EPS.

Para a validade convergente – relação entre os escores do teste com os escores de instrumentos que medem o mesmo construto ou construtos relacionados (American Educational Research Association [AERA], American Psychological Association [APA], & National Council on Measurement in Education [NCME], 2014) – foram selecionadas medidas que avaliam o altruísmo e a empatia. Considerando a pró-sociabilidade como um conjunto de comportamentos de ajuda e em benefício de outros (Eisenberg et al., 2015), ela pode ser provocada por (a) motivos egoístas, o que leva à ação com o principal objetivo de melhorar o próprio estado de bem-estar; ou por (b) motivação altruísta, que promove comportamento voltado principalmente para a melhoria do bem-estar da outra pessoa necessitada (Dovidio & Banfield, 2015; Dovidio & Halabi, 2017). O altruísmo é um dos fatores que motivam e predizem comportamento pró-social (Piatak & Holt, 2019).

Além disso, comportamentos pró-sociais requerem do indivíduo a capacidade de empatia para compreender as emoções, cognições ou situações alheias, pois é necessário inferir que o outro precisa de ajuda e detectar com exatidão uma resposta eficaz a essa necessidade (Eisenberg et al., 2015). Estudos indicaram associações da pró-sociabilidade com a empatia gerando correlações fracas a moderadas, com

*r* variando de 0,10 a 0,36. Além disso, estudos indicam a empatia como um preditor do comportamento social (Kamas & Preston, 2020; Rodriguez et al., 2019). Desse modo, a hipótese inicial deste estudo consiste em associações significativas dos escores da medida de pró-sociabilidade com os escores das medidas de altruísmo (H1) e empatia (H2).

No que diz respeito à validade de critério, serão investigadas a ocorrência de diferenças entre os grupos nos escores da EPS de acordo com as evidências existentes na literatura. Há evidências de que fatores individuais (i.e., gênero e idade), sociais (i.e., renda), situacionais (i.e., religião, voluntariado) influenciam nos níveis de pró-sociabilidade. Estudos indicam que na infância (Longobardi et al., 2019), durante a adolescência (Van der Graff, 2017) e na vida adulta (Kamas et al., 2020), mulheres se comportam mais pró-socialmente do que homens. Assim, espera-se que as mulheres apresentem maiores escores de pró-sociabilidade quando comparadas aos homens (H3). Quanto à idade, durante o período da vida adulta, o desenvolvimento da pró-sociabilidade ser estável (Foulkes et al., 2018). Desse modo, não são esperadas diferenças entre os grupos ao considerar a variável idade (H4).

No que diz respeito à influência da renda, os dados do estudo de Piff et al. (2010) indicam que os indivíduos de classes sociais mais baixas se mostraram mais generosos e caridosos do que pessoas de estratos sociais elevados. Os indivíduos de estratos sociais mais baixos agiam de maneira mais pró-social devido a um maior compromisso com valores igualitários e sentimentos de compaixão. De maneira contrastante, Korndorfer et al. (2015) analisaram os dados do Painel Socioeconômico Alemão (SOEP), a Pesquisa Social Geral Americana (GSS), a Pesquisa de Despesas Americanas (CEX) e o Programa Internacional de Pesquisa Social (ISSP). Para tanto, foram realizadas testagens em larga escala, a fim de examinar o efeito da classe social no comportamento pró-social, a partir de oito estudos. Os resultados demonstraram que indivíduos de classe social alta tinham maior probabilidade

de fazer uma doação beneficente e contribuir com uma porcentagem maior da renda familiar para a caridade, além desse público estar mais propenso a ser voluntário em ações sociais. Entendendo que a contribuição financeira é mais recorrente em indivíduos de classes sociais mais altas, e os itens da EPS não possuem foco em ações de doação, mas em ações de preservação ambiental, visitas a crianças, doação de órgãos, que envolvem valores igualitários e sentimentos de compaixão, espera-se que os participantes de classes sociais mais baixas apresentem maiores escores de pró-sociabilidade (H5).

Quanto aos fatores situacionais, pessoas que se consideram participantes de uma religião se comportam de modo mais empático, altruísta e apresentam maior comportamento de ajuda uma vez que os diversos credos religiosos afirmam a importância da ajuda ao próximo (Kaur, 2020). Para além da religião, o voluntariado é uma importante ação de benefício ao próximo, e tanto a iniciativa de participar de uma ação, bem como a permanência, são motivados por características pró-sociais, como empatia, altruísmo, generosidade, uma vez que quanto mais presentes esses comportamentos, maior a probabilidade de o indivíduo cooperar com grupos e/ou causas sociais (Livi et al., 2019). Desse modo, hipotetiza-se que pessoas que sejam praticantes de uma religião (H6) e participem de ações de voluntariado (H7) tenham maiores escores de pró-sociabilidade. Por fim, é esperado que os escores da EPS sejam preditores da participação em ações de voluntariado (H8).

## Método

### Participantes

A amostra do estudo foi não probabilística, por conveniência. Participaram 397 pessoas, com idades entre 18 e 69 anos ( $M = 36,88$ ;  $DP = 12,86$ ), sendo a maioria do sexo feminino (77,30%;  $n = 307$ ). Os participantes eram provenientes das cinco regiões do Brasil, com destaque para a região Sudeste (67,80%;  $n = 269$ ), seguida das regiões Nordeste (22,90%;  $n = 91$ ), Sul (4,80%;  $n = 19$ ), Centro-oeste (4%;  $n = 16$ ), e Norte (0,50%;  $n = 2$ ). Quanto ao nível

de escolaridade, a maioria era pós-graduado (48,90%;  $n = 194$ ), seguida de superior incompleto (27,71%;  $n = 110$ ), superior completo (16,63%;  $n = 66$ ), ensino médio completo (6,05%;  $n = 24$ ) e ensino médio incompleto (0,75%;  $n = 2$ ). Quanto à renda, 38,54% ( $n = 153$ ) tinha rendimentos mensais acima de R\$ 5001,00; 28,46% ( $n = 113$ ) entre R\$ 1001,00 e R\$3000,00 mensais; 16,88% ( $n = 67$ ) abaixo de R\$ 1000,00 mensais; e 16,12% ( $n = 64$ ) entre R\$ 3001,00 e R\$ 5000,00 mensais. Além disso, 35,30% ( $n = 140$ ) participava de alguma ação de voluntariado ou movimento social.

### Instrumentos

*Questionário sociodemográfico.* Desenvolvido para o presente estudo, tem por objetivo caracterizar a amostra quanto ao sexo, idade, escolaridade e estado civil. Também foram levantadas informações referentes aos rendimentos mensais, estado de residência, religião, prática ou participação em serviços voluntários ou movimentos sociais, se faziam tratamento psicológico e/ou psiquiátrico, situação de trabalho ou se possuíam doenças crônicas.

*Escala de Pró-Sociabilidade (EPS;* Noronha et al., no prelo). Instrumento de autorrelato em formato de julgamento situacional que mensura o comportamento pró-social de adultos com idades a partir de 18 anos. O instrumento foi desenvolvido para o contexto brasileiro com o objetivo de avaliar o comportamento pró-social de pessoas adultas e idosas, com idades de 18 a 69 anos. A EPS possui 18 vinhetas e cada uma descreve comportamentos de benefício ao próximo feitos por uma personagem. Por exemplo, "Maria conscientizou seus vizinhos a não jogarem lixo na rua" e "Adriana é doadora de órgãos". Em seguida, são apresentados três itens para cada vinheta. O primeiro item questiona se o participante já fez a ação da personagem da vinheta, já o segundo item se o respondente tem vontade fazer tal a ação. O primeiro e o segundo item de cada vinheta possui chave de resposta dicotômica, "Sim" ou "Não". O terceiro item investiga a importância da ação apresentada na vinheta considerando uma escala tipo Likert

de 4 pontos, variando de 1 (Não é importante) a 4 (Muito importante). A escala possui estrutura unidimensional e estimativas de fidedignidade igual  $\alpha = 0,85$  e Ômega de McDonald igual 0,86.

*Escala de Altruísmo (EA;* Rushton et al., 1981). Instrumento de autorrelato adaptado para a população brasileira por Pacico e Hutz (2016). A escala é composta por 20 itens, distribuídos em três fatores: Ajuda ou Auxílio (5 itens;  $\alpha = 0,80$ ), Custo pessoal (6 itens;  $\alpha = 0,78$ ) e Bem-estar do próximo (7 itens;  $\alpha = 0,81$ ). Possui chave de resposta em escala Likert de cinco pontos, variando de 1 ("sempre falso") a 5 ("sempre verdadeiro"). São exemplos de itens: "Quando posso, ajudo os outros"; "Procuro auxiliar/ajudar as pessoas" e "Faço contribuições a campanhas que solicitam doações". Nesta pesquisa o alfa de Cronbach foi estimado em 0,87 para os fatores ajuda ou auxílio e Custo pessoal, e de 0,85 para Bem-estar do próximo.

*Medida de Empatia Cognitiva e Afetiva (Vachon & Lynam, 2015; Reis, 2017).* O instrumento é uma adaptação brasileira da *Affective and Cognitive Measure of Empathy (ACME)* de Vachon e Lynam (2015). Ele objetiva avaliar a empatia cognitiva (12 itens;  $\alpha = 0,90$ ), a empatia afetiva (12 itens;  $\alpha = 0,81$ ) e a dissonância afetiva (12 itens;  $\alpha = 0,83$ ). O instrumento possui 36 itens de autorrelato, respondidos em uma escala do tipo Likert de quatro pontos, de 1 ("discordo totalmente") a 4 ("concordo totalmente"). São exemplos de itens "Eu não me preocupo muito em ferir os sentimentos dos outros" e "É óbvio para mim quando as pessoas fingem que estão felizes". No presente estudo, as estimativas de precisão foram  $\alpha = 0,88$  para o fator empatia cognitiva,  $\alpha = 0,77$  para ressonância afetiva e  $\alpha = 0,85$  para dissonância afetiva.

### Procedimentos

Um link do *Google Forms* com convites para participação na pesquisa foi disponibilizado via redes sociais (e.g., WhatsApp, Facebook, LinkedIn e e-mails). Ao dar o aceite para participar da pesquisa, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, foram apresentados aos participantes o questionário sociodemográfico, a Escala de Pró-Sociabilidade, a Escala de Altru-

ísmo e a Medida de Empatia Cognitiva e Afetiva. Em média, os participantes levaram 20 minutos para responder os instrumentos. O projeto foi aprovado pelo Comitê de ética da Universidade São Francisco, CAAE 20410713.3.0000.5514.

### Análise de dados

Com o objetivo de investigar as associações do escores da EPS com as medidas de empatia e altruísmo, foi utilizada análise de correlação de Pearson, utilizando os seguintes critérios para a interpretação das magnitudes: fracas ( $r < 0,30$ ), moderadas ( $0,30 \leq r \leq 0,49$ ), fortes ( $r \geq 0,50$ ) (Cohen, 1988). O teste Shapiro-Wilk foi utilizado para averiguação de normalidade dos dados. Utilizou-se os testes não paramétricos de Mann-Whitney e Kruskal-Wallis para comparação de grupos, com uso do  $d$  de Cohen e  $\epsilon^2$  para cálculo do tamanho de efeito. Foram adotados os critérios propostos por Cohen (1988) para interpretação dos tamanhos de efeito, em que coeficientes menores que 0,20 são considerados pequenos; valores maiores que 0,20 e menores que 0,80 são considerados médios; e coeficientes superiores ou iguais a 0,80 são considerados grandes. Para avaliar se os escores da EPS são preditores da participação em ações de voluntariado, foi utilizada análise de regressão logística binomial, pelo método *Enter*. As análises foram realizadas no *software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)*, versão 25.

## Resultados

Com o objetivo de verificar o grau de associação entre os construtos investigados, utilizou-se a análise de correlação de Pearson entre os escores brutos obtidos a partir da aplicação da EPS, EA e ACME. Os resultados da análise podem ser vistos na Tabela 1. No que diz respeito às associações entre os escores da EPS e da EA, observou-se correlações significativas, positivas, e de moderada magnitude entre pró-sociabilidade e os fatores de Ajuda ou Auxílio ( $r = 0,44$ ) e Bem-estar do Próximo ( $r = 0,34$ ). Já com Custo Pessoal, correlação significativa, positiva e de baixa magnitude ( $r = 0,28$ ). No que diz res-

peito às associações com os escores da ACME, os dados evidenciaram correlações positivas e estatisticamente significativas, de magnitude moderada entre os escores da EPS com o fator

de Ressonância Afetiva ( $r = 0,31$ ). Já com Dissonância Afetiva e Empatia Cognitiva, correlações significativas, de baixa magnitude, negativa ( $r = -0,24$ ) e positiva ( $r = 0,16$ ), respectivamente.

**Tabela 1** – Análise de correlação de Pearson entre as variáveis

Variável	1	2	3	4	5	6	7
1. Pró-Sociabilidade	—						
2. Ajuda ou Auxílio	0,44**	—					
3. Custo Pessoal	0,28**	0,57**	—				
4. Bem-estar do Próximo	0,34**	0,55**	0,71**	—			
5. Empatia Cognitiva	0,16**	0,063	0,11*	0,18**	—		
6. Ressonância Afetiva	0,31**	0,27**	0,30**	0,33**	0,35**	—	
7. Dissonância Afetiva	-0,24**	-0,21	-0,12*	-0,22**	-0,21**	-0,10	—

Com o intuito de reunir evidências de validade de critério concorrente para a EPS, foram realizadas análises de comparação de grupos considerando as variáveis sexo, idade, renda mensal, se o participante se considera praticante de sua crença religiosa e se participa de alguma ação de voluntariado. Inicialmente, foi utilizado o teste Shapiro-Wilk com o intuito de verificar a normalidade da distribuição dos dados nas variáveis investigadas. O resultado foi de  $p < 0,001$ , indicando o uso de testes estatísticos não paramétricos para a comparação de grupos.

Para comparação das médias considerando a variável sexo, o teste de Mann-Whitney evidenciou que a diferença entre homens ( $M = 123$ ;  $Md = 126$ ;  $n = 90$ ) e mulheres ( $M = 127$ ;  $Md = 128$ ;  $n = 307$ ) foi significativa e com médio tamanho de efeito ( $U = 9932$ ,  $p < 0,01$ ,  $d = 0,52$ ), evidenciando que mulheres apresentam maiores escores de pró-sociabilidade. Em seguida, utilizou-se uma distribuição por quartis para a investigação de diferenças quanto à idade. O grupo 1 (quartil 25) foi composto pelos participantes com idades de 18 até 25 anos ( $n = 104$ ); o grupo 2 (a partir do quartil 25 até o 50), os sujeitos com idades de 26 até 36 anos ( $n = 101$ ); o grupo 3 (a partir do 50 até o 75), de 37 até 46 anos ( $n = 96$ ),

e o grupo 4 foi composto por pessoas com idades acima de 46 anos ( $n = 96$ ). O teste de Kruskal-Wallis indicou que a medida de pró-sociabilidade não é influenciada pela idade, não havendo diferenças estatisticamente significativa entre os grupos analisados [ $H(3) = 6,12$ ;  $p = 0,11$ ;  $\epsilon^2 = 0,02$ ]. Quanto à renda, não foram observadas diferenças entre os grupos [ $H(3) = 1,38$ ;  $p = 0,71$ ;  $\epsilon^2 = 0,004$ ].

Investigou-se as possíveis diferenças nos níveis de pró-sociabilidade entre os participantes que não se consideram praticantes de sua religião (G1;  $M = 124$ ;  $Md = 127$ ;  $n = 196$ ) e os que afirmaram ser praticantes (G2;  $M = 128$ ;  $Md = 129$ ;  $n = 201$ ). A comparação dos grupos evidenciou que essa variável impactou nos níveis de pró-sociabilidade ( $U = 13997$ ,  $p < 0,01$ ,  $d = -0,46$ ), com o G2 apresentando maiores escores e médio tamanho de efeito. Do mesmo modo, constatou-se que participar de alguma ação de voluntariado impacta nos níveis de pró-sociabilidade ( $U = 13610$ ,  $p < 0,001$ ,  $d = -0,45$ ), com diferenças significativas na comparação entre as pessoas que não participam ( $M = 125$ ;  $Md = 127$ ;  $n = 257$ ) das que afirmaram participar ( $M = 129$ ;  $Md = 127$ ;  $n = 140$ ), com médio tamanho de efeito.

**Tabela 2** – Estatísticas Descritivas, Testes Inferenciais e Tamanhos de Efeito

Variáveis	Grupos	Escores EPS	U	df	p	d de Cohen
Sexo	Feminino	127	9932	393	<0,001	0,52
	Masculino	123				
Praticante de Religião	Não	124	13997	393	<0,001	-0,46
	Sim	128				
Ação de voluntariado ou movimento social	Não	125	13610	393	<0,001	-0,44
	Sim	129				
Variáveis	Grupos	Escores EPS	$\chi^2$	df	p	$\epsilon^2$
Idade	18-25 anos	125	6,12	3	0,11	0,02
	26-36 anos	125				
	37-46 anos	128				
	47-69 anos	127				
Rendimentos Mensais	abaixo de R\$ 1000,00	125	1,38	3	0,71	0,004
	entre R\$ 1001,00 e R\$ 3000,00	126				
	entre R\$ 3001,00 e R\$ 5000,00	127				
	acima de R\$ 5001,00	126				

Com o objetivo de investigar se os escores da EPS (variável independente) seriam preditores da participação em ações de voluntariado (variável dependente), foi realizado modelo de regressão logística binária pelo método *Enter*. Os resultados indicaram que o modelo foi estatisticamente sig-

nificativo [ $\chi^2(1) = 5,425$ ;  $p < 0,05$ ], capaz de prever adequadamente 64,80% dos casos. Conforme pode ser visto na Tabela 3, um ponto no escore da EPS aumenta em 1,054 vezes as chances de o sujeito participar de ação de voluntariado.

**Tabela 3** – Regressão logística binomial da Pró-Sociabilidade sobre o voluntariado

	B	S.E.	Wald	df	Sig.	Exp-p(B)	95% C.I. para EXP(B)	
							Inferior	Superior
Pró-sociabilidade	0,052	0,024	4,849	1	0,028	1,054	1,006	1,104
Constante	-4,412	1,735	6,463	1	0,011	0,012		

## Discussão

O desenvolvimento da EPS buscou contribuir com uma lacuna na literatura científica brasileira que consiste na escassez de instrumentos para avaliação da pró-sociabilidade. No entanto, a construção de um instrumento psicológico preconiza a realização de uma série de estudos que investiguem os parâmetros psicométricos

da medida (AERA et al., 2014), dentre os quais, aqueles que reúnam evidências de validade. Considerando que estudos de evidência de validade com base no conteúdo e na estrutura interna já foram realizados (Noronha et al., no prelo), este trabalho objetivou reunir evidências de validade baseadas na relação com outras variáveis, do tipo convergente e de critério para a EPS, corrobora-

rando o acúmulo de evidências empíricas que sustentem a utilização do instrumento.

No que diz respeito à validade convergente, a primeira e a segunda hipótese deste estudo foram confirmadas, em que os escores da EPS apresentaram associações significativas com escores das medidas de altruísmo e empatia. No que diz respeito ao altruísmo, ajuda ou auxílio e bem-estar do próximo foram os comportamentos mais associados à pró-sociabilidade. Tal dado corrobora o conceito de pró-sociabilidade, em que a ação está para o comportamento de ajuda e auxílio, e o benefício do outro está para o bem-estar do próximo (Eisenberg et al., 2015). Cabe destacar que a baixa correlação com custo pessoal pode ser explicada pelo fato de que custo pessoal, manifesto por comportamento de autossacrifício, não é requerido para a manifestação do comportamento pró-social (Batson et al., 2015). Por exemplo, uma pessoa faminta que doa seu alimento para outra (com sacrifício) e alguém que compra uma refeição para um colega de trabalho (sem sacrifício).

Quanto à empatia, ressonância afetiva foi o fator mais relacionado à pró-sociabilidade, considerada um fator de responsividade emocional que inclui sentimento de culpa, de simpatia e de preocupação que influenciam na tomada de decisão de ajudar a outros. Cuff et al. (2014) apontam a empatia, em um primeiro momento, como uma resposta emocional, em que sujeito tem respostas afetivas congruentes com a do outro, e que são moldadas por processos cognitivos posteriores, a partir da percepção da situação alheia. Desse modo, ver uma pessoa em sofrimento ou em necessidade de ajuda, mobiliza, inicialmente, respostas empáticas, que motivam o sujeito a ter uma atitude em benefício do outro (Kamas & Preston, 2020). Estudos realizados por meio de reconhecimento de expressões faciais indicam que reconhecer faces tristes ou em sofrimento, gera um estado de espelhamento, que é convertido em compreensão e em uma ação para que se resolva a situação (Eisenberg et al., 1998; Falconer et al., 2019).

Quanto à validade com base em critérios para a EPS, terceira hipótese (H3), de que mulheres apre-

sentariam maiores escores de pró-sociabilidade, foi confirmada. Eisenberg et al. (2006) afirmam que os homens e as mulheres têm as mesmas capacidades de resposta empática (observadas em crianças pequenas). No entanto, a educação das mulheres favorece comportamentos de cuidado e autossacrifício. Em contrapartida, os meninos são tipicamente socializados com o estímulo à competitividade, afirmação de si e a menor empatia. Desse modo, na maioria das culturas ocidentais, espera-se que os homens sejam emocionalmente reservados e que evitem mostrar preocupação e sentimentos com os outros (Nielson et al., 2017). Van der Graff et al. (2017) indicam a cultura e as experiências de socialização como os principais fatores explicativos de tais diferenças.

Já para a idade, não foram observadas diferenças significativas entre os grupos, confirmando a quarta hipótese deste estudo, corroborando o estudo de Folkes et al. (2018). Em uma perspectiva desenvolvimental da pró-sociabilidade, os estudos indicam que a idade tem mais influência nas etapas da infância e adolescência, pois os sujeitos ainda estão em processo de desenvolvimento cognitivo, aprendizagem e internalização de normas sociais, bem como as experiências de educação para a moralidade são mais facilitadas e incentivadas (Benish-Weisman et al., 2019; Van der Graaff et al., 2017). Já na adultez, o indivíduo está menos susceptível à influência dessas variáveis, atingindo um ponto de estabilidade do desenvolvimento moral (Foulkes et al., 2018).

A hipótese de que os participantes de classes sociais mais baixas apresentariam maiores escores de pró-sociabilidade (H5) não foi confirmada, diferindo do estudo de Piff et al. (2010). A esse respeito, é importante salientar que, nessa amostra, a maioria dos sujeitos possui renda de até cinco salários-mínimos, o que, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020), seriam pessoas das classes C, D, E. Desse modo, a insuficiência de casos de pertencentes às classes sociais A e B, pode ser considerada um viés para o resultado.

Ter crença religiosa e participar de ações de voluntariado foram variáveis que influenciaram os

escores da EPS, confirmando as hipóteses H6 e H7. A vivência da religiosidade resulta na internalização de aspectos éticos e morais que funcionam como reguladores das ações do indivíduo (Kaur, 2020). Assim, a experiência do indivíduo com o transcendente, favorecendo o engajamento em comportamentos pró-sociais (Tirri et al., 2016). Quanto ao voluntariado, embora o comportamento pró-social se manifeste em ações cotidianas, aspectos motivacionais com base em valores altruístas e na importância das interações sociais engajam os indivíduos em causas sociais (Livi et al., 2019). Cabe destacar que os escores da EPS foram preditores da participação em ações sociais, corroborando a oitava hipótese (H8), e ratificando a importância da utilização do instrumento para delineamento de ações e intervenções com foco na resolução de problemas sociais.

Desse modo, as evidências apresentadas nesta pesquisa fornecem embasamento científico para a utilização da EPS na mensuração da pró-sociabilidade, na qual os escores da escala convergiram com os escores de medidas de altruísmo e empatia, além de diferenciar grupos quanto ao sexo, prática de uma crença religiosa e participação em ações de voluntariado, bem como prever a participação em ações de voluntariado. Ainda que este trabalho seja um avanço para o campo de investigação da pró-sociabilidade, apresenta algumas limitações. Não foram investigadas questões relacionadas a experiências educacionais para a promoção do desenvolvimento da moralidade, aspectos cognitivos e emocionais, variáveis que afetam o construto. Em estudos futuros, ressalta-se a importância de investigar o instrumento com amostras de adolescentes, bem como associá-lo a traços de personalidade e características positivas individuais (e.g., forças de caráter).

### Conflito de interesses

Os autores declaram que não há conflitos de interesses.

### Referências

American Educational Research Association, American Psychological Association, & National Council on Measurement in Education. (2014). *Standards for educational and psychological testing*. American Educational Research Association, American Psychological Association, & National Council on Measurement in Education.

Batson, C. D., Lishner, D. A., & Stocks, E. L. (2015). The empathy—altruism hypothesis. In D. A. Schroeder, & W. G. Graziano (Eds.), *The oxford handbook of prosocial behavior* (pp. 259-281). Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780195399813.013.023>

Baumard, N., André, J.-B., & Sperber, D. (2013). A mutualistic approach to morality: The evolution of fairness by partner choice. *Behavioral and Brain Sciences*, 36(01), 59-78. <https://doi.org/10.1017/s0140525x11002202>

Benish-Weisman, M., Daniel, E., Sneddon, J., & Lee, J. (2019). The relations between values and prosocial behavior among children: The moderating role of age. *Personality and Individual Differences*, 141, 241-247. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2019.01.019>

Cohen, J. (1988). *Statistical Power Analysis for the Behavioral Sciences*. Lawrence Erlbaum Associates.

Cuff, B. M. P., Brown, S. J., Taylor, L., & Howat, D. J. (2014). Empathy: A review of the concept. *Emotion Review*, 8(2), 144-153. <https://doi.org/10.1177/1754073914558466>

Dovidio, J. F., & Banfield, J. C. (2015). Prosocial behavior and empathy. *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences*, 216-220. <https://doi.org/10.1016/b978-0-08-097086-8.24024-5>

Dovidio, J. F., & Halabi, S. (2017). Altruism and prosocial behavior. *The Wiley-Blackwell Encyclopedia of Social Theory*, 1-3. <https://doi.org/10.1002/9781118430873.est0415>

Eisenberg, N. (1982). The development of reasoning regarding prosocial behavior. In N. Eisenberg (Eds.), *The development of prosocial behavior* (pp. 219-249). Academic Press.

Eisenberg, N. (1986). *Altruistic emotion, cognition, and behavior*. Psychology Press. <https://doi.org/10.4324/9781315746135>

Eisenberg, N. (1992). *The caring child*. Harvard University Press.

Eisenberg, N., Fabes, R. A., & Spinrad, T. L. (2006). Prosocial Development. In N. Eisenberg, W. Damon, & R. M. Lerner (Eds.), *Handbook of child psychology: Social, emotional, and personality development* (pp. 646-718). John Wiley & Sons Inc.

Eisenberg, N., Fabes, R. A., Shepard, S. A., Murphy, B. C., Jones, S., & Guthrie, I. K. (1998). Contemporaneous and longitudinal prediction of children's sympathy from dispositional regulation and emotionality. *Developmental Psychology*, 34(5), 910-924. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.34.5.910>

Eisenberg, N., Spinrad, T. L., & Knafo-Noam, A. (2015). Prosocial development. In M. E. Lamb, & R. M. Lerner (Eds.), *Handbook of child psychology and developmental science: Socioemotional processes* (pp. 610-656). John Wiley & Sons, Inc. <https://doi.org/10.1002/9781118963418.childpsy315>

Eisenberg, N., & Miller, P. (1987). The relation of empathy to prosocial and related behaviors. *Psychological Bulletin*, 101, 91-119. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.101.1.91>

Falconer, C. J., Lobmaier, J. S., Christoforou, M., Kamboj, S. K., King, J. A., Gilbert, P., & Brewin, C. R. (2019). Compassionate faces: Evidence for distinctive facial expressions associated with specific prosocial motivations. *PLoS ONE*, 14(1), e0210283. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0210283>

Foulkes, L., Leung, J. T., Fuhrmann, D., Knoll, L. J., & Blakemore, S.-J. (2018). Age differences in the prosocial influence effect. *21(6)*, e12666. <https://doi.org/10.1111/desc.12666>

Hofmann, V., & Müller, C. M. (2018). Avoiding antisocial behavior among adolescents: The positive influence of classmates' prosocial behavior. *Journal of Adolescence*, 68, 136-145. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2018.07.013>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2020). *Síntese de Indicadores Sociais – SIS*. [https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9221-sintese-de-indicadores-sociais.html?&t=o-que-e](https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9221-sintese-de-indicadores-sociais.html?t=o-que-e)

Kamas, L., & Preston, A. (2020). Empathy, gender, and prosocial behavior. *Journal of Behavioral and Experimental Economics*, 92, 101654. <https://doi.org/10.1016/j.jsocec.2020.101654>

Kaur, J. (2020). Effect of Religiosity and Moral Identity Internalization on Prosocial Behaviour. *Journal of Human Values*, 26(2), 097168582090140. <https://doi.org/10.1177/0971685820901402>

Koller, S. H., & Bernardes, N. M. G. (1997). Desenvolvimento moral pró-social: Semelhanças e diferenças entre os modelos teóricos de Eisenberg e Kohlberg. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 2(2), 223-262. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X1997000200002>

Korndorfer, M., Egloff, B., & Schmukle, S. C. (2015). A large scale test of the effect of social class on prosocial behavior. *Electronic Journal*, 10(7), e0133193. <https://doi.org/10.2139/ssrn.2704303>

Livi, S., De Cristofaro, V., Theodorou, A., Rullo, M., Piccioli, V., & Pozzi, M. (2019). When motivation is not enough: Effects of prosociality and organizational socialization in volunteers' intention to continue volunteering. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 30(3), 249-261. <https://doi.org/10.1002/casp.2446>

Longobardi, E., Spataro, P. & Rossi-Arnaud, C. (2019). Direct and indirect associations of empathy, theory of mind, and language with prosocial behavior: Gender differences in primary school children. *The Journal of Genetic Psychology*, 180(6), 266-279. <https://doi.org/10.1080/00221325.2019.1653817>

Nielson, M. G., Padilla-Walker, L., & Holmes, E. K. (2017). Corrigendum to "How do men and women help? Validation of a multidimensional measure of prosocial behavior". *Journal of Adolescence*, 59(1), 91-106. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2017.05.021>

Noronha, A. P. P., Dias-Viana, J. L., Batista, H. H. V., de Souza, M. H., Campos, A. M. de B., Theotonio, M., Pio, J. L. S., Vanni, P., Queiroz, L. G., & Corbett, J. dos S. (no prelo). Construção e evidências de validade com base na estrutura interna da Escala de Pro-Sociabilidade. *Gerias: Revista Interinstitucional de Psicologia*.

Pacico, J. C., & Hutz, C. S. (2016). Altruísmo. In C. S. Hutz (Ed.), *Avaliação em psicologia positiva: Técnicas e Medidas* (pp. 141-152). CETEPP Hogrefe.

Piatak, J. S., & Holt, S. B. (2019). Prosocial behaviors: A matter of altruism or public service motivation? *Journal of Public Administration Research and Theory*, 30(3), 504-518. <https://doi.org/10.1093/jopart/muz041>

Piff, P. K., Kraus, M. W., Côté, S., Cheng, B. H., & Keltner, D. (2010). Having less, giving more: The influence of social class on prosocial behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 99(5), 771-784. <https://doi.org/10.1037/a0020092>

Reis, S. S. P. (2017). *Empatia afetiva e cognitiva e o fenôtipo ampliado do autismo: Adaptação transcultural e validação de medida* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia]. <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/25216>

Rushton, P. J., Chrisjohn, R. D., & Fekken, C. G. (1981). The altruistic personality and the Self-Report Altruism Scale. *Personality and Individual Differences*, 2(4), 293-302. [https://doi.org/10.1016/0191-8869\(81\)90084-2](https://doi.org/10.1016/0191-8869(81)90084-2)

Simpson, B., Willer, R., & Harrell, A. (2017). The enforcement of moral boundaries promotes cooperation and prosocial behavior in groups. *Scientific Reports*, 7(1), 1-9. <https://doi.org/10.1038/srep42844>

Son, D., & Padilla-Walker, L. M. (2019). Happy helpers: A multidimensional and mixed-method approach to prosocial behavior and its effects on friendship quality, mental health, and well-being during adolescence. *Journal of Happiness Studies*, 21(5), 1705-1723. <https://doi.org/10.1007/s10902-019-00154-2>

Tirri, K., Moran, S., & Mariano, J. M. (2016). Education for purposeful teaching around the world. *Journal of Education for Teaching*, 42(5), 526-531. <https://doi.org/10.1080/02607476.2016.1226551>

Vachon, D. D., & Lynam, D. R. (2015). Fixing the problem with empathy: Development and validation of the affective and cognitive measure of empathy. *Assessment*, 23(2), 135-149. <https://doi.org/10.1177/107319114567941>

Van der Graaff, J., Carlo, G., Crocetti, E., Koot, H. M., & Branje, S. (2017). Prosocial behavior in adolescence: Gender differences in development and links with empathy. *Journal of Youth and Adolescence*, 47(5), 1086-1099. <https://doi.org/10.1007/s10964-017-0786-1>

### João Lucas Dias-Viana

Doutor e mestre em Psicologia pela Universidade São Francisco (USF), em Campinas, SP, Brasil; graduado em Psicologia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), em Fortaleza, CE, Brasil. Professor do Centro Universitário Christus (UniChristus) e da UniNassau, em Fortaleza, CE, Brasil. Psicólogo clínico e Psicometrista.

### Marcela Hipólito de Souza

Mestra em Psicologia pela Universidade São Francisco (USF), em Campinas, SP, Brasil; graduada em Psicologia pela Universidade Paulista (UNIP), em São Paulo, SP, Brasil. Professora da Faculdade de Administração e Artes de Limeira, em Limeira, SP, Brasil. Psicóloga Clínica.

### Lorena Gonçalves Queiroz

Mestra em Psicologia pela Universidade São Francisco (USF), em Campinas, SP, Brasil; graduada em Psicologia pelo Centro Universitário de Patos de Minas, Patos de Minas, MG, Brasil. Psicóloga organizacional e orientadora de carreira.

### Juliana dos Santos Cobett

Doutora em Psicologia pela Universidade São Francisco (USF), em Campinas, SP, Brasil; mestra em Saúde Coletiva, Política, Planejamento e Gestão em Saúde pela Universidade de Campinas (Unicamp), em Campinas, SP, Brasil; graduada em Psicologia pela Universidade São Francisco (USF), em Campinas, SP, Brasil. Professora da Faculdade Santa Lúcia e do Centro Universitário Salesiano de São Paulo, em Campinas, SP, Brasil

### Jamile Lima Sampaio Pio

Psicóloga pela Universidade São Francisco (USF), em Campinas, SP, Brasil. Psicóloga Clínica e orientadora de Carreira.

### Ana Paula Ozório Cavallaro

Mestra em Psicologia pela Universidade São Francisco (USF), em Campinas, SP, Brasil. Pedagoga pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), em Campinas, SP, Brasil. Integrante do Laboratório de Avaliação de Características Positivas (LabC+).

### Andreia Maria de Britto Campos

Mestra em Psicologia pela Universidade São Francisco (USF), em Campinas, SP, Brasil; graduada em Psicologia pela Universidade Potiguar (UNP), em Natal, RN, Brasil.

### Ana Paula Porto Noronha

Doutora, Mestra e graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Camp), em Campinas, SP, Brasil. Professora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da Universidade São Francisco (USF), em Campinas, SP, Brasil. Integrante e Líder do Laboratório de Avaliação de Características Positivas (LabC+). Bolsista de Produtividade 1A do CNPQ.

### Endereço para correspondência

João Lucas Dias-Viana

Centro Universitário Christus (UniChristus)

Rua 21 de Abril, 295

Parquelândia, 60450-000

Fortaleza, CE, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela SK Revisões Acadêmicas e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.*